

A HORA DO CONTO NA ESCOLA: PARADOXOS E DESAFIOS*

Rovilson José da Silva**

RESUMO:

Este trabalho é o resultado de uma pesquisa, realizada em nível de mestrado, a respeito da mediação da leitura literária pelo professor da Hora do Conto nas escolas de ensino fundamental da rede municipal de Londrina. A partir dos dados obtidos na época, sugerimos encaminhamentos para se reestruturar a Hora do Conto.

PALAVRAS-CHAVE: Leitura Literária, Mediação de Leitura, Mediador de Leitura.

ABSTRACT:

This work is the result of a survey, conducted on a master's degree level, about the mediation of literary reading by teachers at "Short Story Time" at the fundamental teaching schools in the city of Londrina. Suggestions were made from the data collected at that time about how to restructure the "Short Story Time".

KEY WORDS: Literary reading; Reading mediation; reading mediator.

Mediar a leitura na escola tornou-se, nas últimas décadas, uma das premissas fundamentais para o desenvolvimento da educação no Brasil. Cabe à mediação, neste contexto, promover o encontro entre o futuro leitor e o texto, de modo a torná-lo leitor efetivo.

A escola tem buscado processos eficazes para a mediação de leitura. Ora o enfoque está nas atividades, ora na maneira de se encaminhar a leitura; noutras, existe a preocupação com o espaço, com o acervo. No entanto, pouco se tem pesquisado sobre o professor que medeia a leitura.

É preciso que se volte a atenção para esse profissional, que sua prática seja perscrutada a ponto de se compreender o âmbito de sua ação e, ao mesmo tempo, se possa subsidiar teoricamente o contar histórias, o promover a leitura e a literatura no ensino fundamental, principalmente nas quatro séries iniciais.

Em 2000, aproximadamente 2/3 das escolas da Rede Municipal de Ensino de Londrina possuíam, no ensino fundamental, um professor que contava histórias para as turmas, além de realizar empréstimos e, em alguns casos, pesquisa nas chamadas salas de leitura ou biblioteca da escola. E esse professor, em sua grande maioria composta pela população feminina, era denominado Professor da Hora do Conto.

O presente trabalho procura, a partir do resultado de uma pesquisa sobre a leitura literária e sua utilização pelo professor da Hora do Conto no município de Londrina, evidenciar os desafios que o mediador de leitura cotidianamente enfrenta na Rede Municipal de Ensino de Londrina.

* Pesquisa realizada em 2000, por Rovilson J. da Silva, no Curso de Mestrado em Letras da Universidade Estadual de Londrina (UEL), sob o título: "A leitura literária nas 3ª e 4ª séries do ensino fundamental do município de Londrina".

** Mestre em Literatura e Ensino pela Universidade Estadual de Londrina-UEL. Doutorando pela UNESP-Marília/ UAB-Barcelona. Docente da Graduação e Pós-Graduação da UniFil.

1. CONTADOR DE HISTÓRIAS: FRAGMENTOS DE UMA AÇÃO

Na época da pesquisa, o mediador de leitura da Rede Municipal de Londrina não tinha clareza a respeito da sua atuação como professor da Hora do Conto, pois ora realizava um trabalho, ora outro. Assim, procuramos investigar qual era o procedimento usado para mediar a leitura literária nas séries iniciais do ensino fundamental e pudemos observar que, aparentemente, não estava definido o perfil do professor que deveria trabalhar com a Hora do Conto. Fomos a campo e entrevistamos três professoras que atuavam em escolas distintas e então foi possível constatar, implicitamente, no discurso das informantes que um dos “critérios” para contar histórias era o gosto pela leitura. O que, em princípio, era um aspecto favorável para esse gênero de trabalho. Posteriormente, solicitamos que justificassem o porquê de contarem histórias:

- Porque na história o aluno viaja, ele sai da realidade e vai para o mundo dos sonhos; com isso, aprende coisas boas nas histórias e aprende a gostar de história.
- Porque gosto de contar. Tenho na lembrança da infância a emoção que sentia quando um rapaz, irmão da minha empregada, contava histórias. Comecei a dar mais valor ao meu trabalho depois que conheci um contador de histórias em Faxinal do Céu¹.
- Porque gosto. É a minha função, gosto de ver os alunos aprendendo a gostar da leitura.

Nos depoimentos anteriores constatamos que o gosto em contar histórias é grande e que o prazer parece predominar nesse grupo. Mesmo durante as entrevistas, percebíamos que algumas informantes chegavam a se emocionar ao falar do seu trabalho realizado na escola e do carinho recebido por parte das crianças.

A função de contador de histórias, pelo fato de não estar estabelecida oficialmente na Rede Municipal, ‘emperrava’ o desenvolvimento da leitura literária e dificultava a percepção do professor sobre sua importância dentro do contexto escolar, como pudemos constatar nas seguintes expressões: “Comecei a dar mais valor ao meu trabalho depois que conheci um contador de histórias em Faxinal do Céu”. No desabafo da professora percebemos que, até nos próprios contadores de histórias, existia a dificuldade em assimilar o papel que desempenhavam.

Em muitas escolas predominava a idéia de que para contar histórias não se exigia formação do professor, como se contar histórias para as crianças fosse apenas abrir um livro, ler e nada mais. Na verdade, além da “paixão” do professor pela leitura, que é um dos elementos essenciais de aproximação dos alunos com o texto escrito, há toda uma concepção de texto literário, de suas estruturas e de como encaminhar a criança para que a leitura seja uma ação contínua em sua vida. Se o profissional não possuir esse substrato teórico mínimo, poderá comprometer a mediação da leitura na escola.

Na seqüência investigamos os gêneros de histórias contadas pelas professoras da Hora do Conto e obtivemos os resultados apresentados a seguir:

¹ Faxinal do Céu é uma cidade do interior do Paraná onde eram oferecidos cursos aos professores da rede pública do Estado.

- Sempre procuro histórias com fundo moral, que seja formativa;
- Procuro variar; contos de fadas, Monteiro Lobato. O que eu trabalho mais são os textos da Ruth de Souza [sic]²;
- Histórias que sempre possam trazer aprendizado para nossa vida, com fundo moral, com lições de comportamento social adequado, onde o aluno vai tentar aprender para sua própria realidade. (grifo nosso).

Constatamos que na seleção de texto para a Hora do Conto, prevalecia apenas a idéia pedagógica, didática, em detrimento do estético, de sua fruição pelos alunos. A preocupação era, basicamente, tornar a leitura fonte de preceitos que inculcassem boas maneiras nas crianças. Embora essa tenha sido a tônica da escola, desde que incorporou para si a incumbência de transmitir valores que alicercem a formação de seus alunos. No entanto, a obra literária tem a característica de ser polissêmica, de contribuir de forma ampla para a formação do ser humano, mas isso não significa direcioná-la para situações em que o caráter pedagógico predomine sobre o estético, pois o aspecto formativo da obra literária se constrói à medida em que há a formação do leitor, como esclarece CANDIDO (1972, p.4):

A literatura pode formar; mas não segundo a pedagogia oficial, que costuma vê-la ideologicamente como um veículo da tríade famosa, - o Verdadeiro, o Bom, o Belo, definidos conforme os interesses dos grupos dominantes, para reforço da sua concepção de vida. Longe de ser um apêndice da instrução moral e cívica (esta apoteose matreira do óbvio, novamente em grande voga), ela age com o impacto indiscriminado da própria vida e educa como ela, - com altos e baixos, luzes e sombras.

73

As professoras da Hora do Conto da Rede Municipal atuavam respaldadas pela formação que receberam da graduação. No caso das entrevistadas, todas eram do Curso de Pedagogia. Por outro lado, ainda freqüentavam palestras e cursos que eram esporadicamente oferecidos, ou pelo município, ou pelas editoras, sendo que muitos deles mantinham a visão do texto literário aliado às “atividades do fazer”, ou seja, após a leitura, desenhar, colar ou pintar sobre o que foi lido. Assim, ainda que os professores procurassem desenvolver um trabalho satisfatório, o texto literário acabava sendo usado de maneira utilitarista, sem valorizar o estético, o artístico. A literatura era desfigurada em sua essência, tornando-se um pretexto para a realização de atividades escolares.

Na seqüência, solicitamos que as informantes justificassem o porquê de contar histórias e obtivemos as seguintes respostas:

- Porque nos dias de hoje eles não têm muito contato com a leitura e como cidadão eles precisam de valores à natureza, ao próximo, porque só vêem Pokemon, porcarias de TV... que não levam a nada;
- A Ruth [Rocha] trabalha assuntos que favorecem a discussão, análise, extrapolação;
- Por exemplo: lá na biblioteca, através de histórias abordo temas como; egoísmo, mentira, preguiça, socialização, meio ambiente, noções de higiene e muitos outros temas.

² A professora entrevistada confundiu o nome da atriz Ruth de Souza com o da autora Ruth Rocha.

Na escola, principalmente nas séries iniciais, é constante a preocupação com os “bons hábitos” para a formação da criança. Para quem tem a responsabilidade de 30 a 35 crianças em uma sala-de-aula, essa inquietação se justifica; porém, isso não significa transformar a literatura em preceitos para as crianças, ou utilizá-la de forma redutora, sem respeitar seu caráter estético.

Temos verificado, por exemplo, que embora existisse a estrutura mínima (biblioteca, professor da Hora do Conto) para o desenvolvimento da leitura literária nas escolas pesquisadas, a concepção de leitura, os procedimentos e o trabalho com a literatura, na maioria das vezes, permaneciam aquém das possibilidades daquilo que poderia ser desenvolvido. Acreditamos que alguns fatores contribuíram para esse quadro; um deles era a formação maciça das informantes em Pedagogia. Analisamos os currículos das instituições de graduação frequentadas pelas professoras e constatamos que nem sempre ofereciam a disciplina de literatura infantil ou juvenil e, quando ofereciam, eram apenas estudos preliminares.

Pudemos constatar a ausência de uma proposta que englobasse a leitura literária como um projeto da Rede Municipal geral e não apenas de algumas escolas, pois essa fragmentação de procedimentos só dispersava esforços e não produzia o resultado esperado.

Embora pensemos que os procedimentos das contadoras de histórias nem sempre eram os mais recomendáveis, uma vez que a hora da leitura era vista apenas como uma continuidade da sala-de-aula, com obrigatoriedade de atividades, ainda assim os alunos tinham contato com a leitura. Ora, se existia o espaço para a Hora do Conto, ou seja, condições preliminares para que a leitura literária fosse desenvolvida de forma adequada, por que não colocá-la em prática? Por que não priorizar a leitura – prazer? Com os textos literários?

A preocupação com a formação infantil e com sua leitura, de acordo com as respostas coletadas, evidencia o repúdio à televisão, vista como uma das grandes vilãs que atormentam o desenvolvimento da criança e a desvia da leitura. Cabe à escola não se preocupar em concorrer com a televisão, recriminando-a, pois a TV e a leitura exigem processos mentais e comportamentais diferentes na criança. Portanto, cumpre à escola proporcionar espaço que favoreça à criança a encontrar-se com o livro, sem cobranças desnecessárias, de modo que a leitura seja incorporada na vida da criança como tantas outras convivências importantes para o seu desenvolvimento.

2. BIBLIOTECA E ESCOLA: COMO ERAM REALIZADAS AS HORAS DO CONTO

Um dos aspectos que nos inquietava era compreender como se dava a relação biblioteca-escola, e o meio para se obter informações mais precisas seria investigar o teor das atividades desenvolvidas por elas. Assim, solicitamos às informantes a descrição da Hora do Conto realizada nas respectivas escolas e coletamos as seguintes informações:

- Uma hora prazerosa, diferente, onde você conta histórias, faz dramatização: leva os alunos para a biblioteca, às vezes, eles escolhem o livro. A bibliotecária apresenta várias histórias, os alunos escolhem. A história não pode ser muito grande por causa do tempo. As turmas têm todas as quintas-feiras para o empréstimo de livros.
- De acordo com a época do ano, escolho um tema, uma história. Não pode ser longa, pois eles logo se desinteressam. Leio e mostro algumas ilustrações.

Modifico a voz conforme os personagens. Faço expressão facial, canto no meio da história, faço suspense...e agora? Será que eles vão conseguir?.. Vamos ver!!!

- Primeiro é feita a leitura da história e exploração de desenhos e do tema do dia: o que essa história pode ensinar para nós. Conversamos, debatemos, trocamos informações. Depois o aluno faz em caderno próprio de desenho para a biblioteca o trabalho da aula que pode ser: desenho, pintura, colagem, recorte e, por fim, eles fazem empréstimo de livros.

A partir dessas respostas, verificamos que a Hora do Conto era bastante apreciada pelas contadoras e que o próprio vocabulário empregado denotava o aspecto lúdico que a leitura e o momento de ler devem ter. Ainda é possível afirmar que existia a preocupação em atender às expectativas dos alunos; por exemplo, quando nos deparamos com trechos tais como: às vezes, eles escolhem o livro, conversamos, debatemos, trocamos informações. Na Hora do Conto, de acordo com os relatos extra-oficiais dos professores, existe uma menor formalização em relação ao ambiente e à disposição física dos alunos em sala-de-aula; portanto, a intimidade entre as contadoras e as crianças é maior.

Também era perceptível a preocupação das contadoras de histórias em transformar as leituras feitas na Hora do Conto em trabalhos escolares. No ensino fundamental, de um modo geral, persiste a idéia de que a história deva resultar em um “produto” feito pelo aluno. Ainda permanece a dificuldade em valorizar aquilo que não se vê na construção do saber da criança. De uma certa maneira, a idéia do “ócio” que a leitura suscita, nem sempre era bem vista pelos demais componentes da escola.

Para os demais professores das escolas investigadas, o contador de histórias não tinha a mesma importância que eles, pois “só” contava histórias e não apresentava o “rendimento” dos alunos e, por conseguinte, as contadoras de histórias tornavam-se inseguras e acabavam por transformar a leitura realizada na Hora do Conto em pretexto para atividades envolvendo pintura, colagem, desenhos, entre outras atividades.

Durante as entrevistas, as informantes iam se entusiasmando e comentando sobre a Hora do Conto. Em todas havia uma grande satisfação em desempenhar na escola a função de contadora de histórias. Além disso, era consenso entre elas de que a biblioteca escolar, aliada às aulas, contribuía significativamente para a melhoria da aprendizagem dos alunos.

Na seqüência, solicitamos das professoras mediadoras de leitura que justificassem porque julgavam que a Hora do Conto e a biblioteca escolar contribuía para o processo ensino-aprendizagem e obtivemos as seguintes respostas:

- Sim, porque é um complemento de sala-de-aula, complemento da leitura;
- Sim. Trabalho com a oralidade, incentivo a leitura, relaciono idéias, argumentação e digo que eles podem usar nas suas produções escritas. Quem lê mais, escreve melhor!
- Sim. É uma aula diferente, os alunos gostam, participam, ouvem histórias e assim vão aprendendo a gostar de ler.

Nos depoimentos anteriores, são apontados componentes importantes pelos contadores de histórias como a oralidade, o incentivo à leitura, além de relacioná-la como uma atividade complementar à sala-de-aula. Esse discurso é importante e deve ser reforçado em todos os segmentos da escola, quer seja professor, a supervisão ou a direção, para que a leitura seja uma prática cotidiana na escola.

3. HORA DO CONTO: PARADOXOS E DESAFIOS DE UMA AÇÃO EDUCATIVA

Embora a Hora do Conto fosse uma prática cotidiana em muitas escolas da Rede Municipal de Londrina, nem sempre ela era contínua, ou seja, não havia planejamento e procedimentos comuns a todas as escolas. Cada unidade escolar, à sua maneira, a desenvolvia do modo que entendia.

Propusemos às informantes que apresentassem quais eram as maiores dificuldades encontradas por elas para a execução da Hora do Conto e obtivemos as seguintes respostas:

- Disponibilidade de tempo, devido ao acúmulo de funções: auxiliar de período, hora do conto e TV Escola;
- A falta de concentração e interesse de algumas crianças, brigas e desacato entre os meninos (chegam a se avançar ocasionalmente). O espaço, o tipo de mesa, às vezes, algumas crianças ficam de costas. As mesas são grandes. Se fossem tipo ³, sobrando espaço no meio, ficaria melhor;
- Nenhuma.

76

Como pudemos constatar, as maiores dificuldades referiam-se a aspectos externos ao trabalho com a leitura. As professoras questionavam o ambiente, fisicamente inadequado, além do mobiliário que também não proporcionava conforto para a leitura na Hora do Conto, pois para as bibliotecas ou salas de leitura das escolas, geralmente eram enviados os móveis que eram rejeitados em outras seções da escola. Assim, quase sempre acomodavam desconfortavelmente as crianças.

Outro aspecto, a se ressaltar, dentre os apresentados, refere-se ao acúmulo de atividades exercidas pelo professor da Hora do Conto, pois, como informamos anteriormente, essa função ainda não estava oficialmente reconhecida. Esse profissional, além de contar histórias, desenvolvia atividades tais como: cuidar do recreio, tirar xerox para a escola, entre outros. Observamos então que o sucesso da Hora do Conto dependia do apoio da direção da escola, órgão gestor fundamental para o aprimoramento e continuidade dessa atividade no ambiente escolar.

Posteriormente, procuramos detectar se as professoras se sentiam bem assessoradas pedagogicamente para desenvolver o seu trabalho com a leitura e elas nos responderam:

³ A informante utilizou o desenho para explicar o formato da mesa, de modo que coubesse a cadeira sob ela e as crianças ficassem bem acomodadas.

- Não. Eu trabalho por intuição, procuro ler, trocar experiências, fazer o melhor para contribuir com o processo ensino e aprendizagem;
- Sim. Já fiz muitos cursos;
- Sim. Temos materiais, condições de trabalho, tudo que preciso é prontamente atendido, não tenho queixas.

As respostas que se referem ao trabalho com a leitura são sucintas e genéricas, apresentam pouco teor argumentativo, sem, entretanto, fornecer elementos que se relacionem à orientação pedagógica recebida. Por outro lado, a informante que não se sentia bem assessorada nos demonstrou a ausência de encaminhamentos à Hora do Conto e isso vinha confirmar o que até então tínhamos encontrado nas respostas explicitadas no questionário, ou seja, a professora agia mais intuitivamente do que por uma diretriz pedagógica, fundamentando teoricamente o desenvolvimento da Hora do Conto.

Ainda na perspectiva de procurar entender se havia o assessoramento oferecido pela Secretaria Municipal de Educação ao desenvolvimento da Hora do Conto às escolas, coletamos as seguintes opiniões:

- Sim. Da Secretaria da Cultura, não... Educação... ela também.
- Não. Pelo menos nunca recebi orientação, sugestão, material da Secretaria.
- Sim. Mas como já disse, acho que ainda não é suficiente.

Podemos inferir que as informantes não viam uma ação mais concreta da Secretaria Municipal de Educação, pois a hesitação da primeira entrevistada: “da Secretaria da Cultura, não... Educação... ela também”, sugere que a professora se autocensurou quando insinuou que a Secretaria de Educação estava ausente no apoio à Hora do Conto.

Por outro lado, tendo investigado anteriormente que as professoras contadoras de história tinham reuniões mensais na Biblioteca Pública Municipal Parigot de Souza, perguntamos se recebiam assessoramento da mesma para desenvolver o trabalho da Hora do Conto.

As escolas da Rede Municipal de Ensino de Londrina estão subordinadas à Secretaria Municipal de Educação que, por meio de seu Grupo de Apoio Técnico-Pedagógico⁴, assessorava pedagogicamente as unidades escolares. A biblioteca escolar era assessorada pela Biblioteca Pública Municipal Parigot de Souza, principalmente em relação à Hora do Conto.

Investigamos como se dava a relação entre esses dois órgãos e, de acordo com a informante A, do grupo de apoio da Secretaria de Educação do município de Londrina, o contato entre a Secretaria de Educação e a Biblioteca Central⁵ era, praticamente, inexistente. Cada órgão orientava a leitura à sua maneira: “*O contato entre a Secretaria de Educação e a Biblioteca Central é mínimo...o esquema de trabalho é muito diferente...não existe contato entre as duas: a Biblioteca Central e o Grupo de Apoio*”. Não é possível conceber que dois órgãos que se completam possam conviver de maneira tão dissonante ou que seus conceitos e orientações sejam diferentes para a mesma atividade, com os mesmos professores. A falta de procedimento único entre as instituições acabava por dividir as forças que deveriam estar agrupadas. Além disso, o reflexo dessa política incidia negativamente sobre o desenvolvimento da leitura nas escolas.

⁴ Grupo responsável pela assessoria pedagógica dos professores da Rede Municipal de Ensino.

⁵ A Biblioteca Pública Municipal Parigot de Souza é chamada pelas escolas da Rede Municipal de BC ou Biblioteca Central, uma vez que as bibliotecas escolares, chamadas sucursais, estão sob a jurisdição da mesma.

Todas as entrevistadas diziam receber orientação da Biblioteca Central, embora existisse a opinião de que as reuniões ocorridas nesse órgão também não fossem suficientes para suprir as lacunas teóricas que se tinha para lidar com a leitura e a Hora do Conto. Sobre isso, elas teceram os seguintes comentários:

- Sim. Quando se começa eles ensinam a consertar livros, a hora do conto, a contar histórias. As informações nas reuniões não são suficientes...perguntavam p'ra mim: o que dar na hora do conto; como fazer; que tipo de leitura e atividades desenvolver. Lá (reunião da Biblioteca Central) a orientação é como fazer pesquisa e empréstimo. Todos os educadores deveriam fazer cursos de incentivo à leitura, porque a leitura deve ser mais valorizada. Nessa escola, poderia ser mais valorizada.
- Sim. Assinatura da revista Amiguinho e a reunião mensal para levar a estatística mensal. Há troca de experiência entre as professoras. Em 99, houve palestras no SESC na Semana do Livro, em outubro. A Biblioteca Central não tem apoio da Secretaria de Educação. Este ano não recebemos a carteira de empréstimo para o aluno. A escola, ou fez fotocópia ou mandou imprimir em gráfica.
- Sim. Recebemos a revista Nosso Amiguinho e outra, mas acho pouco, pois como já disse, a prefeitura poderia investir comprando livros, revistas, assinando jornais, etc. Também poderíamos ter reuniões com trocas de experiências, sugestões.

Na verdade, existia um descontentamento em relação aos procedimentos sobre leitura oferecidos nas reuniões mensais da Biblioteca Pública Municipal Parigot de Souza; percebemos que os depoimentos das professoras denotavam a falta de orientações básicas no que se referia à utilização do texto literário em sala-de-aula.

E ainda em contato com a informante B, uma contadora de história da Rede Municipal de Ensino, sobre o assessoramento dado às contadoras de histórias pela Biblioteca Central, ela nos esclareceu: *“Nas reuniões mensais trocamos experiências com os colegas de sala de leitura, mas não recebemos assessoramento pedagógico, apenas quanto à utilização do material técnico, formulários, fichas, que são utilizados”*. Esse depoimento veio fortalecer a desconfiança de que as contadoras de histórias careciam de mais estudos e orientações adequadas à promoção da leitura literária na escola.

Parecia evidente que é o próprio professor que, por meio da troca de experiência com os demais colegas, dimensionava, à sua maneira, o que utilizar e como utilizar o texto literário. Enfim, não era de se estranhar que o professor estivesse olhando para a literatura de forma puramente didática, pois ele não recebia formação ou orientação adequada para promover as atividades de leitura e literatura na escola.

Embora a proposta curricular do município reconhecesse a importância da literatura e dedicava-lhe espaço no documento escrito, no cotidiano escolar, ainda que algumas unidades desenvolvessem a atividade de leitura, seus procedimentos e concepções ressoavam a uma visão utilitária do texto literário. Portanto, para que a leitura literária fosse encaminhada satisfatoriamente, o município deveria estabelecer as seguintes premissas:

- Oficialização do Projeto de Leitura Hora do Conto, de modo que houvesse unidade de procedimentos entre as orientações advindas da Secretaria de Educação e da Biblioteca Pública Municipal Parigot de Souza;
- Reestruturação das reuniões mensais: estudos sobre a leitura, a literatura e sua relação com a criança e com o ensino;
- E que o Professor da Hora do Conto fosse um multiplicador das idéias, disseminadas nos encontros mensais, para os demais docentes da escola.
- Promoção de encontros de estudos e parcerias com outras instituições.

Acreditamos que essa situação, por vezes contraditória e paradoxal, irá se extinguir na medida em que a leitura literária no município for encarada como um desafio a ser vencido e as propostas sejam continuamente fomentadas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A rede municipal de ensino de Londrina apresentava uma estrutura paradoxal em relação ao encaminhamento dado à Hora do Conto e, por conseguinte, à leitura literária. Dentre os paradoxos encontrados, destacamos: a rede possuía estrutura física, contava com professores para mediar a leitura na escola e até com proposta pedagógica do município que priorizava a leitura literária. No entanto, nem sempre era o que acontecia, como veremos a seguir.

A formação do grupo entrevistado estava circunscrita à graduação em Pedagogia. Neste curso, a leitura era apresentada de maneira genérica, noutros existia a disciplina literatura infantil, mas ainda assim eram informações preliminares sobre a literatura e com pouco tempo de estudo, o que nos leva a crer na insuficiência teórica dos entrevistados para o desenvolvimento de um projeto de leitura em que não haja um acompanhamento teórico, metodológico.

Diante de uma formação que não aprofundava a visão do professor sobre a singularidade da literatura e da pouca leitura literária do grupo é que constatamos um enfoque utilitário no emprego do texto literário em sala-de-aula, disseminado como fonte de ensinamento, “atividade do fazer”, em detrimento da fruição estética.

A Hora do Conto poderia ser melhor promovida e ampliada para toda a Rede Municipal de Ensino de Londrina, não fossem os desencontros entre ação da Secretaria de Educação e a Secretaria de Cultura, pois a assessoria recebida pelos professores da Hora do Conto não vinha diretamente da Secretaria Municipal de Educação, mas sim da Secretaria de Cultura, por meio da Biblioteca Pública Municipal, que orientava os contadores de histórias em relação às atividades práticas de atendimento ao público escolar e não propriamente em relação ao texto literário, ou à relação entre a biblioteca e a leitura. Essa falta de unidade de procedimentos entre a Secretaria de Educação e a Biblioteca Pública Municipal para se conduzir a Hora do Conto, como dissemos anteriormente, ‘emperrava’ o desenvolvimento e a expansão da Hora do Conto nas escolas da rede e, conseqüentemente, não fundamentava nem alicerçava as bases teóricas dos contadores existentes.

As reuniões mensais ocorridas na Biblioteca Pública Municipal, naquela época, gravitavam em torno da entrega de relatórios sobre o empréstimo de livros e leitura realizados na biblioteca da escola.

Mediante tais constatações, surgiam os desafios a serem vencidos pela rede municipal de ensino de Londrina; dentre eles, defendíamos a proposta de que a Hora do Conto pudesse ser reestruturada e encaminhada de maneira satisfatória, desde que houvesse o comprometimento político da Secretaria Municipal de Educação de Londrina para a efetivação de um Projeto de Leitura. Em um primeiro momento, estariam no Projeto as escolas que desenvolviam a Hora do Conto; posteriormente, as demais unidades escolares. Além disso, era necessário que houvesse uma unidade nos objetivos e procedimentos para se encaminhar a proposta, por exemplo, Biblioteca Pública e Secretaria da Educação e Escola estariam em sintonia nos procedimentos a serem seguidos.

Acreditamos que o contador de histórias, à medida que obtivesse melhor fundamentação teórica sobre a leitura e a literatura, automaticamente, se tornaria um multiplicador das informações recebidas e auxiliaria os demais professores da escola a compreender os meandros da leitura, quer fosse literária ou não.

REFERÊNCIAS

CANDIDO, Antonio. A literatura e a formação do homem. *Ciência e Cultura*. São Paulo, v.24, n.9, p.803-809, set., 1972.

SILVA, Rovilson José da. *A leitura literária nas 3ª e 4ª séries do ensino fundamental do município de Londrina*. 2001. 219 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Estadual de Londrina, Londrina.